

## **Jornalismo e Racismo: análise de notícias sobre crimes com protagonistas negros e brancos no G1 e UOL<sup>1</sup>**

Bruno Santiago Deusdará<sup>2</sup>

Erica Cristina de Souza Franzon<sup>3</sup>

Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado)

### **RESUMO**

Este estudo em desenvolvimento na iniciação científica investiga as percepções do racismo em notícias divulgadas no Portal G1 e UOL, das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de setembro de 2024 a abril de 2025. O objetivo é compreender como o racismo estrutural e institucional é percebido nas coberturas de crimes praticados por brancos e negros. Parte-se, inicialmente de uma pesquisa bibliográfica para fundamentar os conceitos-chave do estudo e da pesquisa documental para relacionar dados estatísticos sobre violência, educação e prisões no Brasil. O corpus analítico será tratado pelo método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com a criação de duas grandes categorias de texto e imagem, e de subcategorias, para adentrar nas categorias principais. Acredita-se que os relatos noticiosos podem trazer informações sobre como o criminoso branco e o negro são tratados no contexto do acontecimento, revelando na dimensão jornalística aspectos do racismo estrutural e institucional. Os resultados preliminares indicam disparidades na representação de criminosos negros e brancos, reforçando estereótipos que legitimam a necropolítica. A pesquisa contribui para os estudos de comunicação ao discutir o papel do jornalismo na construção de imaginários sociais e na manutenção do racismo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Racismo estrutural; Jornalismo digital; Análise de conteúdo; Necropolítica; Representação racial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT02SE - Comunicação antirracista e pensamento afrodiaspórico, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Unesp e Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração – Unisagrado, email: efranzon@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo e Pesquisador do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/Unisagrado), email: [brunostgdeusdara@gmail.com](mailto:brunostgdeusdara@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo pesquisar as percepções do racismo estrutural e institucional em notícias sobre crimes protagonizadas por negros e brancos nos portais G1 e UOL, com foco na cobertura dos portais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ao examinar comparativamente notícias envolvendo negros e brancos, busca-se compreender como o discurso midiático reproduz e naturaliza desigualdades raciais históricas, operando como um dispositivo de poder que conforma imaginários sociais.

Parte-se do pressuposto de que as notícias, enquanto construções simbólicas, não apenas informam, mas também produzem sentidos sobre a realidade social. Nessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo central investigar as percepções do racismo estrutural e institucional veiculadas por esses portais, através de cinco eixos analíticos: (1) realização de pesquisa bibliográfica abrangendo conceitos fundamentais como raça, racismo estrutural e institucional, biopoder, necropolítica, imprensa negra e teorias do jornalismo; (2) análise dos elementos verbais e visuais presentes nas notícias selecionadas; (3) interpretação comparativa do tratamento dado a crimes cometidos por negros e brancos; (4) discussão sobre o papel do jornalismo na manutenção de discursos racializados; e (5) contribuição para os estudos sobre representação racial na mídia.

As hipóteses que norteiam o trabalho sugerem que: o jornalismo reproduz o racismo estrutural através de suas narrativas; as notícias legitimam imaginários que associam a negritude à criminalidade; há uma tendência a despersonalizar criminosos negros enquanto se humanizam brancos; o jornalismo opera como tecnologia de biopoder; e que, paradoxalmente, pode ser uma ferramenta importante no combate ao racismo.

A relevância do estudo fundamenta-se na persistente desigualdade racial brasileira. Dados do IBGE (2023) revelam que o rendimento-hora da população branca é 61,4% maior que o da população preta e parda, enquanto no âmbito educacional, 60% dos brancos completaram o ensino médio contra apenas 47,3% dos negros. Essas disparidades remontam ao processo de abolição inconclusa analisado por Florestan Fernandes (1965), que destacou a ausência de políticas de integração para a população negra liberta, lançada à marginalidade sem qualquer amparo institucional.

A motivação para esta pesquisa surgiu da observação empírica de diferenças sistemáticas no tratamento jornalístico dado a criminosos brancos e negros. Enquanto os primeiros frequentemente têm seus crimes contextualizados e atenuados através de elementos que destacam sua individualidade (profissão, história familiar, circunstâncias específicas), os segundos são comumente retratados de forma genérica, com ênfase em sua periculosidade inerente. Esse padrão reflete o que Rosa (2011) identifica como a naturalização da superioridade branca nas estruturas de conhecimento e representação.

Acredita-se que esta investigação pode contribuir significativamente para os estudos sobre racismo e mídia, oferecendo subsídios para uma prática jornalística mais reflexiva e comprometida com a superação das desigualdades raciais. Ao desvelar os mecanismos que naturalizam a violência racial, espera-se fomentar uma discussão profunda sobre o papel social do jornalismo na construção de uma sociedade antirracista.

## **METODOLOGIA**

A etapa inicial do estudo é a pesquisa bibliográfica, a leitura, a análise e a interpretação de material impresso, de acordo com Gil (2002).

A base teórica selecionada busca discutir os principais conceitos e ideias referentes à questão do negro e do racismo, do jornalismo e da notícia. As teorias do jornalismo, como abordadas por Nelson Traquina (1993), Felipe Pena (2005), Miguel Rodrigo Alsina (2009), contribuem para apresentar, segundo os autores, porque as notícias são como são, os fatores que influenciam a sua construção, e os efeitos e circunstâncias que envolvem a sua recepção.

A literatura sobre a questão racial discute obras sobre a construção do Brasil como sociedade plurirracial e as desigualdades desenvolvidas ao longo dos últimos séculos. Pensadores como o psiquiatra e filósofo decolonial Frantz Fanon (1952 e 1961), autor de “Pele negra, máscaras brancas” e “Os condenados da terra”, cujas ideias abordam a necessidade de construir um pensamento em contraposição ao pensamento “colonial”. O sociólogo e jornalista Muniz Sodré (2023), pesquisador referência nos estudos de Comunicação, autor de “O fascismo da cor”, em que traça uma radiografia do racismo brasileiro pós-abolicionista. As ideias do sociólogo Florestan Fernandes (1965), proponente do termo “o mito da democracia racial”, autor de “A integração do negro na sociedade de classes”.

A etapa do levantamento bibliográfico seguirá com a realização da pesquisa, com inserção de outros autores e obras-chave para a discussão do tema. A partir disso, será realizada uma pesquisa exploratória para fazer o recorte do corpus de análise, que são as notícias sobre crimes protagonizadas por pessoas brancas e notícias envolvendo pessoas negras.

Para selecionar o corpus analítico será utilizada a Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011). O método busca interpretar mensagens de textos, discursos, imagens e outros materiais comunicacionais de forma sistemática e objetiva (Bardin, 2011, p. 47).

Para a pesquisa em andamento, o formato analisado serão notícias escritas, e o suporte é a internet. A pré-análise foi realizada, com a identificação de categorias no corpus selecionado. A exploração preliminar para a categorização dos dados escolheu 12 notícias (seis de cada grupo racial) dos portais G1 e UOL, das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A observação das notícias resultou na divisão de duas categorias principais e subcategorias. 1) **Texto**: a) título, b) linha fina e c) lead; 2) **Imagem**: a) descrição da fotografia e b) legenda.

Os critérios para a seleção de notícias são: a) A presença de fotos que exibam a cor da pele do criminoso em questão. b) O crime ter sido cometido e/ou noticiado nos portais que cobrem São Paulo e Rio de Janeiro. c) A notícia ter sido publicada entre o mês de setembro de 2024 e abril de 2025 (boa parte do período do desenvolvimento da monografia). d) haver alguma simetria entre os dois grupos de amostra, como expressado no uso de palavras-chave para a pesquisa dessas notícias (estelionato, assalto, homicídio, golpe, lavagem de dinheiro, entre outras).

Na etapa de codificação e categorização haverá o agrupamento de conteúdos por categorias definidas, o exame da relação entre palavras, frases e significados. A exploração de significados e contextos do conteúdo serão feitos por meio de uma análise qualitativa, com intuito de contribuir com uma reflexão crítica sobre os sentidos identificados. Com o tratamento dos dados será possível discutir os sentidos explícitos e implícitos nas notícias sobre crimes praticados por pessoas negras e brancas.

O racismo é definido como uma ideologia que pressupõe a existência de raças hierarquizadas, atribuindo avaliações negativas a determinados grupos (Miles e Brown, 2004). Sua origem remonta ao século XVI, quando o conceito de raça foi apropriado das ciências naturais para justificar relações de dominação social (Munanga, 2004). Na França dos séculos XVI-XVII, a nobreza se autodeclarava de "sangue puro" para legitimar seu poder sobre a plebe, discurso que se transferiu para as colônias portuguesas como o Brasil (Munanga, 2003; Pereira, 2010).

No Brasil colonial, as autoridades portuguesas negavam a existência de um "povo" unificado, classificando a população entre nobres e plebeus, brancos e negros (Schwartz, 2000). Essa divisão fundamentou o racismo científico do século XIX, que associou características físicas a atributos morais e intelectuais (Munanga, 2004).

Van Dijk (1991) demonstra como o discurso racista opera através da valorização do "nós" e da desqualificação do "outro", padrão reforçado pelo darwinismo social de Spencer. A partir da valorização de um grupo em detrimento de outro e das estruturas socioeconômicas e políticas estabelecidas, esse discurso racista torna-se parte da estrutura vigente da sociedade.

Djamila Ribeiro (2019) enfatiza que o racismo brasileiro é estrutural, com raízes no período escravocrata. Florestan Fernandes (1965) analisou como a abolição sem políticas de inclusão condenou os negros à marginalização, processo que Clóvis Moura (1977) chamou de transição do "bom escravo" ao "mau cidadão".

Os dados atuais refletem essa herança: 70% da população carcerária é negra (Anuário de Segurança Pública, 2023), negros estudam em média 1,6 ano a menos que brancos (PNAD 2024) e ganham 64% menos (IBGE 2022). O subjugar dessa parcela da população por meio do cerceamento não só da liberdade como de direitos básicos é definido como biopoder – o direito estatal de matar, ou de, em algumas instâncias, deixar morrer.

Nessa esfera, Foucault (2012) conceitua o biopoder como tecnologia de controle sobre corpos e populações. No Brasil, isso se manifesta na violência policial que vitima 87,8% de negros (FBSP 2024). A esse contexto, pode-se inserir a necropolítica, na qual Mbembe (2018), que desenvolve o conceito, explica como o Estado decide quem pode viver ou morrer, especialmente através de discursos securitários como o "bandido bom é bandido morto". O autor argumenta que nem toda a população que vive sob uma

necropolítica é, de fato, criminosa. Mbembe explica que a necropolítica uma forma da elite lidar com um contingente populacional que faz parte de grupos minoritários e/ou não tem poder de compra para alimentar a estrutura do capital, sendo assim inútil à classe dominante.

No contexto da mídia e do jornalismo, desde o Império, a imprensa brasileira serve aos interesses das elites (Munaro, 2008). As teorias do jornalismo contribuem para explicar por que as notícias são como são. Na Teoria dos Definidores Primários, por exemplo, Felipe Pena (2005) esclarece sobre a preferência do jornalismo por atores sociais que possuem legitimidade, autoridade ou acesso privilegiado aos meios de comunicação e, por isso, moldam a cobertura jornalística. Esses definidores podem incluir governos e políticos, empresas e grupos econômicos e especialistas acadêmicos.

Nesse sentido, os definidores primários podem criar um efeito de circularidade, no qual certos discursos são mais amplificados que outros, criando uma assimetria de poder na produção da notícia. Por serem fontes mais confiáveis, os jornalistas podem reproduzir a narrativa e reforçar ideologias dominantes. Stuart Hall (2016) também defende que a mídia funciona como um espaço onde ideias dominantes são reforçadas. Uma forma de construir sentidos sobre o mundo é por meio da linguagem e da representação. A “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p. 31).

Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos. (...) Representar significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto (Hall, 2016, p. 32).

Essa ideia se alinha a outra teoria do jornalismo, a Espiral do silêncio, desenvolvida pela cientista política e comunicóloga Elisabeth Noelle-Neumann em 1974. A tendência é que discursos alternativos, que se distanciam do discurso oficial sejam marginalizados e colocados em uma espiral do silêncio.

Como o jornalismo trabalha sob a tirania do tempo, a busca pela velocidade e por fontes de credibilidade o torna dependente de fontes oficiais, geralmente brancas, operam na construção de discursos e de consensos. Por essa razão, a cobertura de temas raciais pode ser influenciada pelas prioridades dos definidores primários, assim como pela

seleção e tratamento de temas que produzem sentidos a partir desses discursos. Nesse aspecto, Van Dijk (1991) demonstra como essa dinâmica perpetua estereótipos, situação que a imprensa negra busca combater desde o século XIX com veículos como O Clarim da Alvorada e, atualmente, o Alma Preta Jornalismo, um dos principais veículos de imprensa negra no Brasil hoje. O coletivo de mídia independente cobre pautas relacionadas à população negra, promovendo uma comunicação antirracista e plural. Em 2023, o veículo publicou o primeiro Manual de Redação Antirracista.

Em tempos de mídias sociais e jornalismo digital, a pluralidade de vozes desafia o monopólio tradicional dos definidores primários. Abordagens, como do Alma Preta se diferencia da grande mídia ao colocar uma perspectiva negra sobre os fatos. Assim, promovem o questionamento de narrativas estereotipadas e excludentes.

## CONCLUSÕES

Para examinar os processos que tornam o racismo um elemento cultural e um fator impactante na produção noticiosa, foi necessário abordar autores e obras que ajudassem na discussão dos temas e na correlação entre eles. Por meio do estudo do jornalismo e da notícia (Pena, 2005) discutiu-se como determinados grupos e instituições conseguem influenciar a agenda e a construção de significados por meio das notícias. O jornalismo seleciona, organiza e estrutura significados, mesmo que isso não seja determinante, aponta Pena (2005, p. 157), mas é decisiva para consolidar os valores da classe dominante e formar a percepção da realidade.

Nessa perspectiva, a teoria das representações (Hall, 2016) é um dos pilares dos estudos culturais e da comunicação sobre como a mídia e a cultura produzem e disseminam significados. Para Hall, a representação é um processo ativo de produção de sentido, influenciado por relações de poder e ideologias.

Conforme Van Dijk (1991), a imprensa desempenha um papel crucial na manutenção ou no combate aos discursos racistas, dependendo dos interesses de quem a controla. No caso da imprensa hegemônica, essa abordagem tende a favorecer tais discursos ou a manter uma posição neutra, uma vez que os responsáveis pelas decisões editoriais, em sua maioria brancos, muitas vezes não percebem a dimensão racializada dos conteúdos publicados e não possuem um interesse direto em combater essas narrativas.

Waldemir Rosa (2011) define representação como “uma figuração cognitiva baseada em uma herança histórico-cultural específica que busca imputar a uma realidade social uma gama de significados culturais com a intenção de exercer sobre ela alguma forma de controle.”. O autor postula que os processos que levam o indivíduo a reproduzir algum tipo de preconceito começam na forma com que o grupo minoritário é representado culturalmente, seja num diálogo ou na mídia (filmes, séries, livros, notícias). Essa representação, mantida pelas elites que hoje controlam a produção cultural e noticiosa em massa, serve para legitimar a necropolítica observada e analisada por Mbembe (2018), que mantém esse contingente populacional subjugado e reduz o valor de suas vidas ao preço para se pagar pela segurança pública.

Por isso, veículos jornalísticos como o Alma Preta e a comunicação antirracista são essenciais na luta antirracista oferecendo um contraponto aos discursos dominantes. As conclusões possibilitadas pela pesquisa bibliográfica presente neste resumo visam imprimir à imprensa hegemônica sua parcela de participação nesses processos discriminatórios, levando em conta a comparação entre o tratamento dado a criminosos brancos e criminosos negros na construção da notícia.

## REFERÊNCIAS

- ALMA PRETA. **Manual de redação antirracista**. 2023. Disponível em: <https://almapreta.com>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- ALSINA, M. R. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1965.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- *Como elaborar projetos de pesquisa*/ 4. ed. - São Paulo :Atlas, 2002
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- MILES, R.; BROWN, M. **Racism**. London: Routledge, 2004.
- MOURA, C. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PENA, F. **Teorias do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEREIRA, L. R. **Hierarquias sociais no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 2010.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROSA, W. **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- SCHWARTZ, S. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SODRÉ, M. **O fascismo da cor**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.
- VAN DIJK, T. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 1991.